

Castro dá superpoderes à Secretaria de Segurança

Decreto publicado pelo governador confere ao titular da pasta, hoje ocupada pelo delegado federal Victor Cesar, autoridade para fazer as nomeações em todos os cargos de chefia das polícias Civil e Militar

ROBERTA DE SOUZA E
VERA ARAÚJO
@roberta_souza_e
@vera_araujo

Uma decisão do governador Cláudio Castro transformou o cargo de secretário de Segurança, Victor Cesar Carvalho dos Santos, em um dos mais poderosos do estado. Até então, o delegado federal comandava a pasta recém-criada sem orçamento ou funcionários e com atuação bem limitada. Mas um decreto do governador, publicado ontem no Diário Oficial, antes do sequestro do ônibus na Rodoviária da Rio, dá a ele agora autoridade para exonerar e nomear pessoas para os todos os cargos de comando das secretarias de polícia Civil e Militar, que tinham autonomia.

As nomeações de subsecretário, diretor de departamento de polícia de área ou especializada, comandante de policiamento de área ou especializado e corregedor vão ter que passar por análise prévia de Victor Cesar. Em caso de opinião desfavorável dos titulares das polícias Civil e Militar, o nome deverá ser submetido ao governador. Ficam de fora os delegados das distritais e os comandantes de batalhões.

REFERENCIAL

De acordo com o decreto, as exonerações só poderão ser solicitadas ao governador com indicação de quem será o substituto. A supersecretaria ficará responsável pela coordenação e pela supervisão das polícias, além de planejar, desenvolver e executar políticas de segurança no estado. O Instituto de Segurança Pública (ISP) também ficou vinculado à pasta. Antes, o órgão estava no organograma da Secretaria da Casa Civil.



Cláudio Castro, governador, em dezembro, ao nomear o secretário

Q "Não tenho dúvida de que meu maior desafio é segurança. Por que mudei de ideia sobre a criação da Secretaria de Segurança? Não concordo com aquele modelo. Quando cheguei, tinha 800 cargos na secretaria. (...) A secretaria terá no máximo 80 cargos. E terá o fortalecimento na integração. Quem fazia essa integração era eu. Então, deleguei ao Victor Cesar".

Cláudio Castro, governador, em dezembro, ao nomear o secretário

A medida de Castro não foi bem aceita nos bastidores das polícias Civil e Militar. Fontes ouvidas pelo GLOBO dizem que "essa concentração de poder" vinha sendo costurada havia dois meses, mas a publicação do decreto ontem pegou as cúpulas de surpresa. Policiais comentam que Victor Cesar não teria feito até hoje reuniões de trabalho com o secretário da PM, Luiz Henrique Marinho Pires, e com o secretário de Polícia Civil, Marcus Amim. Os dois devem se encontrar até segunda-feira com Castro para discutir a mudança.

Antes do decreto, a área de segurança do Rio tinha três pessoas no mesmo nível hierárquico no comando: o coronel Luiz Henrique, o delegado Amim e Victor Cesar. Além disso, as polícias Civil e Militar não eram subordinadas à Se-

cretaria de Segurança, criada em dezembro do ano passado. A volta da pasta foi aprovada pela Assembleia Legislativa do Rio (Alerj) no dia 14 de dezembro. A decisão foi tomada, segundo Castro, para aumentar a integração entre as forças e após ouvir conselhos: "A política é viva, não pode todo mundo falando e você se arrastando", argumentou à época. — Não tenho dúvida de que meu maior desafio é segurança. Por que mudei de ideia sobre a criação da Secretaria de Segurança? Não concordo com aquele modelo. Quando cheguei, tinha 800 cargos na secretaria. A proposta inicial era um conselho de segurança, que acabou não tendo essa funcionalidade. A secretaria terá no máximo 80 cargos. E terá o fortalecimento na integração. Quem fazia essa integração era eu. Então, deleguei ao

Victor Cesar — disse Castro, na ocasião. A recriação da pasta por Castro teria atendido à pressão do Ministério da Justiça para o retorno da estrutura. Já a escolha de Victor Cesar foi avaliada como uma forma de evitar insatisfação da base bolsonarista, já que o secretário tem as simpatias do senador Flávio Bolsonaro (PL). Antes de indicar Victor para o cargo no Rio, Castro esteve numa reunião do PL no Rio, com o ex-presidente e seus filhos Carlos (vereador do Rio) e Flávio (senador). Na época, o Palácio Guanabara negou que a escolha do delegado federal tenha sido uma indicação da família Bolsonaro.

EXONERADO EM BRASÍLIA Delegado há 20 anos, Victor Cesar também foi superintendente da Polícia Federal do Distrito Federal, na ad-

ministração do então presidente Jair Bolsonaro. Em 2021, sua nomeação foi atribuída a Flávio Bolsonaro, o que o delegado negou. Ele foi exonerado no início do ano passado pelo então interventor do DF, Ricardo Cappelletti, após os ataques golpistas de 8 de janeiro. Logo após tomar posse, Victor Cesar calculou que o Rio tem um déficit de 25 mil policiais, sendo 20 mil da PM. Na ocasião, chegou a definir sua pasta como uma "secretaria de um homem só". No último domingo, em entrevista ao GLOBO, ele disse que sua equipe fez "em três meses o que não se conseguia em três anos". Afirma ainda que está planejando "uma política de segurança pública, o que não existia" e anunciou que escolas serão enviadas das operações policiais com uma hora de antecedência.

'Ainda não tive tempo de viver o luto', diz mãe de rapaz eletrocutado

Roberta Ferreira acompanhou a segunda pericia no espaço onde filho morreu

GERALDO RIBEIRO
@geraldo_ribeiro

Desde que perdeu o filho único, João Vinícius Ferreira Simões, aos 25 anos, no último sábado, vítima de uma descarga elétrica num show de rock, no Riocentro, na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio, a professora Roberta Isaac Ferreira, de 45 anos, tem sido incansável.

No domingo, poucas horas após o filho ter sido eletrocutado, Roberta foi ao local do acidente e constatou que os equipamentos haviam sido retirados para serem instalados em outro evento, prejudicando o trabalho da pericia. No mesmo dia, foi ao Instituto Médico-Legal (IML) conversar com peritos e liberar o corpo do rapaz.

O sepultamento foi na tarde de segunda-feira, em Maricá — a família mora em Itaipuaçu, distrito da cidade da Região Metropolitana —, e levou 15 horas depois ela já estava na porta da 32ª DP (Tijuara) para acompanhar uma pessoa que também estava no show e a procurava se oferecendo para



Luta por justiça. Roberta busca respostas para o que aconteceu com o filho

ser testemunha. De lá, voltou ao Riocentro para acompanhar a pericia complementar da Polícia Civil, feita ontem no food truck onde João foi eletrocutado. Na sexta-feira, a professora irá a Nova Friburgo, na Região Serrana, buscar mais uma pessoa que se dispôs a falar com os investigadores sobre o caso. — Ainda não tive tempo de viver o luto. Estou tentando ser forte para esclarecer tudo isso. Quero justiça. Dei meu filho ir a um show que deveria

do acidente, correu do Hospital do Fundão, onde estava com o marido, para o Hospital municipal Lourenço Jorge, na Barra da Tijuca, para onde João Vinícius foi levado.

Por enquanto, ela conta com os sete dias de licença de trabalho, que tirou por conta da morte do filho. Mas, se o esclarecimento dos fatos durar mais tempo que isso, não sabe ainda como vai fazer.

FIOS DESENCAPADOS

Para ter certeza de que receberá as respostas que busca, Roberta conta com uma espécie de "peritos particulares", que acompanham os trabalhos da Polícia Civil: o marido, o técnico de engenharia da UFRJ Rubem da Silva Santos do Nascimento, e um colega dele, que é engenheiro elétrico.

Delegada da 32ª DP, Elaine Rosa também esteve no local e afirmou que, com essa nova pericia, foi possível estabelecer algumas hipóteses para a morte da vítima.

— Também estamos fazendo uma reprodução simulada dos fatos, uma vez que desmontaram o local antes da realização da primeira pericia — explicou ela, ao dizer que também receberá os laudos da pericia da família.

A delegada disse ainda que no local do evento havia pontos não vedados, que podem ter acumulado água, além de fios desencapados.

Policiais compraram bolo a pedido de miliciano preso

Corregedoria da PM investiga relação entre agentes flagrados cantando 'parabéns' e criminoso

JÉSSICA MARQUES
@jessica_marques

A Polícia Militar já sabe que os sargentos William da Silva Lima e Nilson Oliveira da Silva Junior, que apareceram em um vídeo cantando parabéns para um miliciano internado sob custódia (juntos com outros dois, também algemados às macas) compraram o bolo e o refrigerante a pedido do criminoso.

Agora, a corregedoria quer saber qual a relação dos policiais com o acusado. Eles já foram afastados das ruas por 30 dias, período em que um processo administrativo deverá ser concluído.

— É um absurdo, inaceitável. Um desrespeito com a corporação e com a população. Na esfera da Justiça Militar, eles devem responder pelos crimes de negligência ao serviço e desatenção, uma vez que não cumpriram com o que foi trabalho designado — afirmou o secretário de Estado da Polícia Militar, Luiz Henrique Pi-

res. — A missão deles era tomar conta para que os presos não fugissem. O vídeo não reflete a corporação. É um ato vergonhoso.

William, de 48 anos, está na PM há 25 anos. O agente, que é primeiro sargento, estava apto à promoção de subtenente. Já Nilson, de 38, está na corporação desde 2008. Ele é terceiro sargento, lotado atualmente no 27º Batalhão (Santa Cruz).

'HOMENS DE GUERRA'

Segundo os investigadores, Jean Arruda da Silva (o aniversariante), Wallace Oliveira Balbino e Driel Azevedo de Araújo, feridos durante a operação que prendeu 15 suspeitos de pertencerem à milícia na Avenida Brasil, integram a cúpula do bando de Luís Antônio da Silva Berra, o Zinão. O trio é conhecido no grupo como "homens de guerra". Eles seriam responsáveis por fazer a escolha do bonde da milícia durante as ações criminosas. Ainda de acordo com a polícia, Driel seria o chefe do grupo criminoso.